



# As categorizações dos treinadores da seleção brasileira: a construção do imaginário do cargo de técnico

The categorizations of the  
coaches of the Brazilian  
national team: the  
construction of the  
imaginary of the position of  
coach

**Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro**

Doutor em comunicação pelo PPGCOM UERJ. Professor adjunto da faculdade de comunicação UERJ. E-mail: [fabioramalho@unila.edu.br](mailto:fabioramalho@unila.edu.br).



## Resumo

Quais foram as principais categorizações usadas pelos jornais brasileiros ao abordarem os técnicos da seleção em Copas do Mundo? Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados da tese de doutorado, defendida por Filipe Mostaro e orientada por Ronaldo Helal, em 2019, que investigou a figura do treinador durante as Copas de 1930 a 1970. Partindo da ideia de que o jornalismo aciona imaginários e elabora sentidos sobre determinadas personagens, observamos as categorizações em três jornais brasileiros a cada competição (O Globo, Folha de São Paulo e Jornal do Brasil/A Noite). Foram analisadas 2.351 reportagens, dentre as quais 577 falavam sobre os treinadores e encontramos as seguintes categorizações: doutor (12), senhor (3), delegado (1), técnico (76), comandante (2), diretor (3), nome de batismo<sup>1</sup> (437), treinador (20), coach (1), selecionador (15), gordo (2), preparador (5). Esse mapeamento foi decisivo em observar quando o conceito se consolida (1962) e como essa personagem se tornou o representante da elite nacional nas narrativas elaboradas pelos jornais sobre a Copa do Mundo.

**Palavras-chave:** Copas do Mundo; treinadores; narrativas; categorizações

## Abstract

What were the categorizations used by Brazilian newspapers when talked about national team coaches in World Cups? This article aims to present the results of the thesis, defended by Filipe Mostaro and supervised by Ronaldo Helal, in 2019, which investigated the figure of the coach during the World Cups from 1930 to 1970. Based on the idea that journalism triggers imaginaries and develops meanings about certain characters, we observed the categorizations in three Brazilian newspapers for each competition (O Globo, Folha de São Paulo and Jornal do Brasil/A Noite). 2,351 reports were analyzed, of which 577 talked about coaches and we found the following categorizations: doutor (12), senhor (3), delegado (1), técnico (76), comandante (2), diretor (3), nome de batismo<sup>1</sup> (437), treinador (20), coach (1), selecionador (15), gordo (2), preparador (5). This mapping was decisive in observing when the concept was consolidated (1962) and how this character became the representative of the national elite in the narratives elaborated by the newspapers about the World Cup.

**Keywords:** World Cups; coaches; narratives; categorizations

---

<sup>1</sup> Aqui usamos o termo nome de batismo, porém ressaltamos que este seria o nome de cada indivíduo no campo esportivo, o nome pelo qual será mais conhecido e a referência no imaginário dos interlocutores.

## 1 Introdução

“Técnico” Zagallo e “doutor” Píndaro de Carvalho. Ambos foram treinadores da seleção brasileira em Copas do Mundo. No imaginário popular, acreditamos que o nome de Zagallo certamente está mais associado à profissão de treinador do que Píndaro. Píndaro atuou em uma diferente conjuntura, na qual o “ser técnico da seleção” exigia diferentes predicados, sendo chamado, por exemplo, de “doutor”. Tais atributos e nomenclaturas estão permeados pelas narrativas de cada contexto. Essas nomenclaturas não são ingênuas, elas cumprem determinado propósito. Ao nomear, classificar, categorizar e dar sentido às funções de determinados atores sociais através das narrativas, se convencionam modos de agir e de se comportar em cada situação social.

Consideramos que o processo narrativo funciona como uma estrutura vital que vai fornecer sentidos, organizando e produzindo significado às ações humanas. Para Ricoeur (2010) narrar é a capacidade humana de se apropriar do mundo. Ao se narrar se ordena o mundo e, assim, pode-se compreendê-lo e agir sobre ele. A narrativa funciona, então, como um processo de constituição de realidade, articulando vários elementos para formar significados. Ela cria mundos, configurando relações de poder e disputas pela interpretação de cada sentido. Elas buscam organizar, legitimar e estabilizar o mundo construído pelo narrador. Assim, as narrativas sobre os treinadores nos indicariam não só o que se espera deste “professor” durante a Copa, mas também o que alguns campos articulam e tentam proliferar como o modelo correto de “líder”.

Neste artigo, que é um recorte da tese de doutorado, vamos apresentar as categorizações usadas por três jornais nacionais<sup>2</sup> sobre os técnicos da seleção brasileira durante as primeiras nove Copas do Mundo (1930-1970), período que classificamos como “a invenção do treinador no Brasil”. Partimos da compreensão de que a representação dos treinadores na imprensa vai tornar a pluralidade de possibilidades de sentido sobre esta figura em algo singular. Consideramos que o Jornalismo pega uma parte de todo o amplo processo comunicacional e o apresenta como “o real”, convidando o leitor a compactuar com essa “realidade”. Esse convite, quando aceito, se dá por conta de uma construção social importante para a Modernidade que configurou o Jornalismo como, não só um ofício, mas também como uma instituição social (FRANCISCATO, 2005), com designações e papéis no quadro de interação social que surgia dentro das cidades. Em nossa análise consideramos que a representação midiática cristalizou o que a narrativa de determinado grupo social desejava impor como correto. Analisar as expressões usadas sobre essa personagem se torna fundamental para perceber qual sentido estes grupos elaboravam para cada ator social.

---

<sup>2</sup> Analisamos os jornais O Globo (1930 a 1970), Folha de São Paulo (1962-1970), Folha da Manhã (1930-1958), Diário de Pernambuco (1938), A Noite (1930-1934-1950) e Jornal do Brasil (1954 -1970). Todos os jornais citados estão disponíveis para acesso on-line. Investigamos somente a parte destinada aos esportes em cada veículo. Da estreia da seleção até o dia do desembarque da delegação no Brasil, selecionamos todas as reportagens que abordam o tema seleção brasileira e as contabilizamos, chegando ao total de 2.351. Em seguida analisamos aquelas que abordam a figura do treinador, totalizando 577. Depois disso, distribuímos as notícias sobre os treinadores a partir da categorização encontrada nos jornais.



Para mapear essas singularizações adotamos o método de categorização de pertencimento de Sacks (1974). A partir dessa metodologia, analisamos 2.351 reportagens, dentre as quais 577 falavam sobre os treinadores e encontramos as seguintes categorizações: doutor (12), senhor (3), delegado (1), técnico (76), comandante (2), diretor (3), nome de batismo<sup>3</sup> (437), treinador (20), coach (1), selecionador (15), gordo (2), preparador (5). Entendemos o conceito de imaginário neste trabalho como um ponto de partida da relação e interação dos elementos que compõem uma narrativa. Le Goff (1985), por exemplo, defende que o imaginário circula através da história, culturas e dos grupos sociais. No caso deste artigo, será fundamental observar como esse imaginário permanece circulando quando nos remetemos ao papel do treinador e aos seus simbolismos. Também nos será útil a compreensão de Durand (1997, p.49) que defende que o imaginário pode ser entendido como um repertório de imagens, ou um “[...]museu de imagens [...]”, que serão o substrato para se completar ideias e se fazer associações sobre o técnico da seleção brasileira.

Na primeira parte do artigo vamos indicar como a Copa do Mundo se estabeleceu como um ritual nacional repleto de simbologias e disputas (GUEDES, 2009). Em seguida, vamos detalhar a metodologia utilizada para, posteriormente, apresentar as categorizações encontradas nos jornais em cada Copa do Mundo.

## 2 Antes de entrar em campo, uma breve “preleção”

O apelo popular construído pelo futebol ao longo dos anos e sua propensão para proporcionar imagens de fácil trânsito comunicacional, tornam a produção de narrativas com base neste fenômeno algo com grande impacto simbólico (GASTALDO, 2002). É, por exemplo, onde a formação de uma identidade nacional nos anos 1930 se baseou para ser erguida, com suas padronizações, reinterpretações e adaptações a cada contexto que circunda a relação esporte e sociedade (HELAL, 2001; MOSTARO, 2017). Neste ambiente, a metáfora de “duelo entre nações”, elaborada pelo processo narrativo midiático sobre a Copa do Mundo, torna a competição um local que suscita narrativas verossímeis sobre a nação que vão inventar, reinventar e adaptar o que seria “o” nacional. A competição se torna também um ritual nacional, onde as cores nacionais são exaltadas, onde o “ser brasileiro” fica em evidência e se fomenta uma “comunidade imaginada”<sup>4</sup> que vai torcer para onze homens durante a Copa do Mundo de futebol.

Ao criar este mundo, o papel do “líder” a cada contexto se modifica e neste espaço de disputas que é o futebol, os jornais vão erguer categorizações sobre essas personagens que interessam diretamente a determinados grupos sociais. Longe de propor uma dominação no campo esportivo,

---

<sup>3</sup> Aqui usamos o termo nome de batismo, porém ressaltamos que este seria o nome de cada indivíduo no campo esportivo, o nome pelo qual será mais conhecido e a referência no imaginário dos interlocutores.

<sup>4</sup> Essa proposição de Benedict Anderson (2008) entende que a comunidade é imaginada, pois nunca será possível agrupar todos em um único local físico. Todavia pode-se criar um imaginário em torno desta “nação” que tornará esta “ficção” algo “real”, tendo, na nossa interpretação, a comunicação como o padrão que ligará os indivíduos que compartilham deste sentimento.



preferimos sustentar que os jornais atuam descartando outras vozes existentes dentro desta arena de disputa, que é sempre intermitente. Obviamente que outros grupos sociais ensejavam outro “modelo de treinador” a cada competição, mas dentro de nossa pesquisa vamos apontar o que os jornais, durante o ritual Copa do Mundo, escolheram como os “atributos necessários” para o técnico da “representação nacional”, metaforizados nas categorizações encontradas.

Dentro deste objetivo, no doutorado defendemos que o treinador seria um representante da elite cultural do futebol, escolhido pelos dirigentes com o objetivo de evocar a narrativa de um campo hegemônico dentro do espaço de conflitos que é o esporte, principalmente o futebol, por, como ressaltamos, sua ampla difusão no país. Acreditamos que estas elites, muitas vezes compostas por diferentes grupos associados para projetar suas narrativas durante a Copa do Mundo, tiveram nos jornais pesquisados os seus porta-vozes que plasmaram as imagens dos treinadores, construindo um mundo em suas narrativas umbilicalmente ligadas aos ideais desta elite a cada conjuntura.

Neste sentido, as categorizações encontradas vão atuar nesta redução da pluralidade de interpretações, formatando os “papéis” das personagens envolvidas no mundo criado pelos jornais ao contar os acontecimentos da Copa do Mundo. Compreendemos que as categorizações não apenas nomeiam e dão etiquetas, mas também mostram signos e sentidos que sofrem adaptações com as interações em cada contexto Koselleck (1992).

Ao postularmos que as categorizações apresentadas pelos jornais sugere um pertencimento ao modelo que a elite pretendia expandir para os demais campos, tomamos as ideias de Análise de Categorização de Pertencimento<sup>5</sup> de Sacks (1974) para nossa análise. Sacks (1974) usa o termo “categorizações” ao invés de “categorias”, criando a ideia de categorização de pertencimento. Partimos da ideia que os treinadores serão apresentados nos jornais investigados a partir da construção narrativa destes periódicos, ao invés de simplesmente existirem e falarem por si só. A visão dos jornais é uma versão sobre essa personagem, que exhibe determinadas propriedades e conceitos que estão ligados a um pertencimento a esta elite. O conceito da fenomenologia de “atitude natural” que seria esperada pelo treinador, nos ajuda a observar como foram exigidos determinados comportamentos, ou seja, se ele “jogou o jogo” da elite. Os jornais pesquisados vão organizar os fatos em uma ordem que busca um sentido para a “atitude natural” do treinador durante a Copa do Mundo. Nessa teia de significados as categorizações usadas pelos jornais são fundamentais para explicar detalhadamente o processo, criar conceitos, estipular atributos já presentes no imaginário e, assim, erguer sentidos sobre o papel de cada personagem no mundo projetada por aquela narrativa. A partir desta análise, criamos “coleções naturais” sobre o pertencimento dos treinadores nos jornais: doutor, delegado, diretor, técnico, treinador, senhor, comandante, coach, selecionador, diretor, senhor e nome de batismo. Veremos a seguir como elas apareceram em cada competição.

---

<sup>5</sup> Para maior detalhamento desta metodologia, ver: BRAGA e GASTALDO (2018).



### 3 A fase diplomática pré-treinamento: nobres doutores amadores

Na primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai, encontramos 90 notícias sobre a seleção, das quais 18 mencionavam o técnico. As classificações encontradas foram “doutor” (12), “delegado” (1), “diretor” (2) e o “nome de batismo” (3). Esses termos nos ajudaram a compreender qual mundo o texto dos jornais projetava sobre o nosso objeto. O treinador do Fluminense, Luiz Vinhaes, segundo o jornal A Noite, o preferido pela CBD para comandar os jogadores no Uruguai, não foi liberado pelo seu clube. Assim, coube ao ex-jogador Píndaro de Carvalho a missão de ser o treinador da seleção na primeira Copa do Mundo. Píndaro esteve em campo na considerada primeira partida oficial da seleção brasileira de futebol em 21 de julho de 1914 contra o Exeter City<sup>6</sup>. Constantemente era convocado e foi titular do time campeão do Sul-Americano de 1919, quando se despediu da seleção. Ao encerrar a carreira seguiu exclusivamente a carreira de médico sanitarista, na qual também obteve destaque.

Deste modo, não foi uma surpresa encontrarmos nas 18 menções a Píndaro de Carvalho, o termo “doutor” como seu principal predicativo. Frisar o lado “doutor” aderiria mais ao contexto do imaginário da elite naquela conjuntura. Além de se referir a pessoa que exerce a medicina, “doutor” tem uma conotação mais abrangente no imaginário popular nacional, incluindo um sentido de autoridade. Também acreditamos que tal classificação, além de remeter à sua profissão, mantém o significado aristocrático de uma seleção de amadores, que além de buscar o título, estavam representando o país de forma diplomática no torneio. Esta interpretação vem em função do grande número de reportagens realçando a presença da delegação em eventos que visavam reforçar o simbolismo da competição, como um jantar com Rimet e encontros com o presidente do Uruguai e da Federação Uruguaia de Futebol. O campo político, através da CBD, que intentava se afirmar como entidade principal do país frente às outras federações e à FIFA torna-se predominante nas narrativas dos jornais investigados. Este trecho do jornal A Noite, destaca que a participação brasileira na competição se dava por manter “[...] as melhores relações de cordial fraternidade com o país vizinho [...]”<sup>7</sup> (A NOITE, 18/07/1930, p.15).

Ainda não surgem as categorizações “treinador” e “técnico”, sustentando a postura amadora que ainda não exaltava o trabalho do “treinamento”. A expressão estaria atrelada ao profissionalismo, que vai se evidenciar na Copa seguinte, em 1934, quando a ebulição da querela sobre o profissionalismo ganha notoriedade nos jornais.

---

<sup>6</sup> Segundo Souza (2008) antes deste jogo temos registrados confrontos entre combinados nacionais e estrangeiros, num total de 33 partidas. Porém nenhum deles são considerados oficiais por não serem organizados por federação esportiva de abrangência nacional, como a CBD, por exemplo. Esta legitimação do que seria a “seleção nacional” passa exatamente pela constituição de uma entidade política-esportiva, sob o comando da elite nacional.

<sup>7</sup> As relações entre CBD e as federações vizinhas foi permeada por conflitos. Com a federação do Uruguai, por exemplo, a ligação foi suspensa em 1922, após a desistência dos uruguaios em participar do triangular final da Sul-Americano disputada no Brasil, alegando favorecimento do juiz brasileiro no jogo Uruguai e Paraguai. O jogo foi vencido pelo Paraguai e obrigou a realização do triangular, já que os três times terminaram empatados em ponto. Caso o Uruguai empatasse venceria o torneio sem a necessidade do triangular. Em 1925 os brasileiros se envolveram em uma briga generalizada contra os argentinos e em 1927, após desistência do Chile em sediar o torneio sul-americano, o Brasil ganhou o direito de sediar o torneio. Com os chilenos voltando atrás e apoiados pela Confederação Sul-americana, o Chile voltou a ser sede e cancelaram a indicação brasileira. A CBD rompeu com a entidade e se distanciou de seus vizinhos, se aproximando apenas em 1930, com a participação na Copa do Mundo (SARMENTO, 2013).



Em meio à disputa entre amadorismo e profissionalismo, a CBD manteve o caráter amador, não convocando jogadores de clubes que haviam ingressado no profissionalismo. Aos 35 anos, Luiz Vinhaes, que tinha recusado a ida ao Uruguai em 1930, foi o treinador da equipe na Copa do Mundo de 1934. Durante a competição, disputada na Itália fascista de Mussolini, encontramos 57 reportagens sobre a seleção e 11 que mencionaram o treinador. Seis mencionaram seu “nome de batismo”, duas “técnico” e três “treinador”. Aqui, inferimos que com o intercâmbio com outros países, os termos “treinador” e “técnico” se tornam referenciais imediato no imaginário sobre esta personagem, permitindo seu uso na narrativa das Copas. Aqui, constatamos uma influência dos técnicos britânicos que já desenvolviam determinadas técnicas de tentar compreender e controlar o jogo de futebol. O treinamento intensivo, quase militar, funcionaria como “deixar o atleta preparado para a batalha” e fisicamente poder ocupar o maior número de espaços possíveis e demonstrar maior vigor e ímpeto que o adversário, em uma lógica evidentemente militar (CARTER, 2006). A equipe brasileira perdeu para a Espanha por 3 a 1 e foi eliminada, sendo, até hoje, a pior participação brasileira em uma Copa do Mundo.

A “missão diplomática” de representar o Brasil nos torneios internacionais teve no denominado “fracasso” de 1934 e na desorganização que culminou com o envio de duas delegações aos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 (COSTA, 2006), elementos determinantes nas ações que levariam o governo a interferir diretamente no esporte nacional para controlá-lo e conseqüentemente profissionalizá-lo (SOUZA, 2008).

Esta profissionalização, uma escolha direta da elite nacional<sup>8</sup>, vai modificar o conceito de técnico no Brasil. O treinador, antes um professor que ensinaria os “segredos” do esporte aos atletas e com papel diplomático nas competições internacionais, atendendo aos interesses da elite nacional que pregava uma visão amadora e que dominava o campo esportivo, se transforma em um elo entre os padrões (dirigentes) e empregados (jogadores). Essa nova “função” também atendeu aos interesses dessa elite, com a narrativa de pertencer a uma “elite cultural” do esporte, que saberia desvendar os caminhos da vitória e, portanto, legitimado a ocupar tal posição de “controlar os jogadores”. Essa configuração será mais clara na Copa do Mundo seguinte, que inaugura a narrativa mitológica de sermos o “país do futebol”, tendo Adhemar Pimenta como representante da elite cultural que disciplinaria, treinaria e levaria a nação à vitória.

---

<sup>8</sup> De maneira resumida, o amadorismo era encampado pelos setores que entendiam o futebol como espírito nobre, praticá-lo por simples “prazer” era uma espécie de distinção social frente aos “impuros” atletas que recebiam para jogar. De outro lado os adeptos do profissionalismo que entendiam o esporte como um negócio rentável que, além de gerar empregos, proporcionaria lucro com o aumento cada vez maior das pessoas na procura por aquela manifestação cultural. A elite nacional se dividia: ceder ao capital e perder a “essência aristocrática” do esporte ou manter a distinção e negar a iminente entrada de capital? Segundo Proni (2000) outros países já tinham adotado o profissionalismo e passaram a contratar jogadores brasileiros, como os vizinhos Argentina e Uruguai, ambos em 1931. As narrativas dos grupos que defendiam o profissionalismo culpavam os dirigentes elitistas pelo êxodo dos considerados principais atletas nacionais. O “espetáculo” foi perdendo seus “astros” e o caráter elitista teve que se recolher as administrações dos clubes, deixando o papel dos jogadores “livres” para os menos abastados. Desta forma, a decisão brasileira seguiu o modelo inglês (LEVER, 1983): a compensação da elite por aceitar jogadores profissionais foi deter o controle administrativo do futebol. Aqui, temos um ponto chave em nossa hipótese: este modelo vai deixar a escolha dos treinadores a cargo desta elite cultural do esporte, que logicamente vai levar em conta seus interesses como modelo de líder desta representação nacional.



#### 4 Organização e patriotismo no país do futebol: a vez do líder disciplinador

A elaboração da concepção de Brasil moderno tem na década de 1930 seu grande ápice<sup>9</sup>. Captar a atmosfera presente na sociedade e ao mesmo tempo unificar um país de dimensões continentais e com uma diversidade cultural e social marcante, exigia um elemento de aglutinação simples, direto e presente em todo o vasto território nacional. Algo que pudesse sintetizar, mesmo de forma arbitrária, o que seria o “brasileiro”. Nesta composição destacamos duas proposições que vão se encontrar e se apoiarem mutuamente: a miscigenação como algo positivo e o futebol como palco para que as narrativas de nação se proliferem de maneira extensiva, com o auxílio dos meios de comunicação.

Consideramos que toda a formatação de uma “identidade nacional” que resumiria e explicaria o país, em curso desde os anos 1920, deságua, cristaliza e solidifica seu imaginário na Copa do Mundo de 1938. O contexto nacional constituído pela correlação de forças dos campos encontrou na competição um ritual de congregação da nação (GUEDES, 1998) tecendo uma teia simbólica que consolida o papel do futebol como um campo de disputas entre narrativas, o local de embates sobre o imaginário nacional e sobre modelos de conduta, tendo na sua intensa penetração nacional a formação de um quadro de interação social comum aos brasileiros. Nascia a ideia de “país do futebol”, uma narrativa que postulava a seleção como aglutinadora de diferentes etnias que representava uma nação miscigenada, uma marca “indelével” de nossa cultura, aquilo que nos definiria e nos singularizaria como nação. Na Copa de 1938 irrompe a relação simbiótica seleção e nação, proporcionando uma atmosfera que impulsionou as pessoas a participarem e se empenharem neste evento (MOSTARO, HELAL, 2019). Conseqüentemente é neste contexto que se estrutura toda a narrativa que designará uma importância aos atores envolvidos na representação seleção brasileira, entre eles o técnico.

Foram 256 reportagens encontradas sobre a seleção e 71 sobre Adhemar Pimenta. Encontramos duas denominando Pimenta como “treinador”, uma como “coach”, duas como “senhor”, uma como “comandante”, 14 como “técnico” e 52 com o “nome de batismo”. Percebe-se que “técnico” já assume uma parcela maior nas categorizações, indicando o aumento da importância da “função” nos anos 1930. “Coach”, por influência do termo usado na Inglaterra, é utilizado pela primeira vez no nosso corpus. Interpretamos que a visão tecnocrata sobre Herbert Chapman<sup>10</sup> se espalha pelo mundo como

<sup>9</sup> Esse nascimento de um “novo país”, em curso desde o início dos anos 1920, reinterpretado pelos grupos vitoriosos na Revolução de 1930 construiu ao longo desta década a ideia de Estado Nação. A eleição de Vargas em 17 de julho de 1934 como presidente da República após uma Assembleia Nacional Constituinte considerada “avançada” procurava sepultar a lógica da “República do Café com leite”. A eleição dava fim a seu governo provisório, que havia iniciado em 1930. As complexidades e disputas entre diferentes grupos em torno desta “unificação” expuseram frentes como a Aliança Integralista Brasileira, com motivação nacionalista e antiliberal e a Aliança Nacional Libertadora, que congregava, por exemplo, socialistas e comunistas. Ambas foram suprimidas pelo governo Vargas e abriram caminho para a consolidação do Estado Novo, uma ditadura que durou de 1937 a 1945 (PANDOLFI, 1999).

<sup>10</sup> Chapman é um símbolo da tecnocracia aplicada à profissão de treinador. Foi considerado o primeiro modernizador do futebol, exatamente por utilizar ferramentas empresariais em suas táticas e condução dos jogadores. Gulianotti (2010, p. 170) usa uma expressão interessante ao resumir Herbert Chapman: “[...] foi o Ford do futebol e seu primeiro dirigente moderno.” Davies (1992, p. 301) é mais incisivo: “Sob seu ponto de vista, todos os artifícios utilizados pelo industrial para agilizar a produção de bens poderiam ser usados igualmente para agilizar a produção de gols.” Wagg (1984) entende que depois de Chapman surge a ideia



uma categorização que indicava uma modernidade ao indivíduo assim chamado. “Senhor” e “comandante”, este usado pela primeira vez no corpus, seguem a linha de indicar autoridade a esta função. O “treinador” com apenas duas menções nos chamou a atenção no primeiro momento por conta da narrativa exaltar bastante o treinamento do time para a competição. Em uma análise mais profunda da conjuntura do uso de cada termo, notamos que “técnico” também englobava este sentido de ser o responsável pelas ferramentas tecnológicas a disposição, neste caso os treinos e a preparação. Ambas as categorizações, “técnico” e “treinador”, se tornarão ao longo do corpus sinônimos do que definimos como a “técnica do técnico”<sup>11</sup>.

A distribuição das notícias foi mais personalista do que nas outras competições, focando em três pessoas: Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Adhemar Pimenta. O que para nós, ajuda a compreender a grande quantidade de notícias que se referiam ao treinador pelo seu “nome de batismo”, se comparada aos predicativos, já citados anteriormente. Interpretamos tal situação como algo “desnecessário” explicar que Pimenta seria o treinador, técnico, etc, em função da repetição da informação ao longo da competição que proporcionou uma espécie de ligação automática naquele contexto de que Adhemar Pimenta era o técnico da seleção. Para nossa pesquisa tal importância designada a Pimenta foi emblemática. Foi a primeira vez em nosso corpus que o treinador dividiu o espaço nas notícias com os atletas considerados “os melhores”. Adhemar Pimenta foi apresentado com todos os atributos desejáveis pela elite nacional naquele contexto: disciplinador, comandante e técnico/treinador que usava as ferramentas disponíveis (treinamentos) na época para chegar à vitória. Alguém apto para “domar” o talento de Leônidas, por exemplo<sup>12</sup> e mostrar que esse “talento natural” do brasileiro só emergia quando era bem controlado e canalizado por essa elite.

O “país do futebol” teria seu grande momento logo na Copa seguinte. Entretanto, foi preciso esperar doze anos para “revivermos” o “nosso maior ritual”. A construção do Maracanã, maior estádio do mundo, era o clímax deste desejo da elite nacional para o ingresso no hall dos países desenvolvidos<sup>13</sup>. A competição entrou no imaginário nacional como o passaporte para a Modernidade. A Copa se repetiu na narrativa não só como um ritual nacional que havia sido inaugurado em 1938,

---

da profissão de treinador, ou seja, alguém apto para desempenhar uma atividade. Passa-se a exigir um especialista naquele conhecimento. Chapman morre em 1934, mas seu legado ficaria simbolizado na mudança do termo que se referiria ao cargo na Inglaterra: “Coaching” e na criação pela Federação Inglesa do primeiro curso de “Coaching”.

<sup>11</sup> A “técnica” que a nossa personagem deveria possuir é entendida como um “saber os caminhos” para a vitória, alguém que conseguiria interpretar e ler o “jogo” dentro de campo, alguém com conhecimento técnico para preparar os jogadores para as interações e que, acima de tudo, usasse as ferramentas técnicas e aparatos tecnológicos disponíveis em cada contexto: treinamento, números, mapas de calor e computadores para mapear as atuações dos jogadores. Seguindo a proposição de Neil Postman (1994) consideramos que a tecnocracia usa a ferramenta e o treinamento como único modo. Assim, adotamos neste trabalho, a interpretação de que esta “técnica do técnico” não teria relação com o dom, com uma dádiva, e sim com o treinamento, com um aperfeiçoamento através da repetição.

<sup>12</sup> Esse domar era um desejo da elite, que não foi cumprido. Apesar dos jornais projetarem essa intenção, as disputas entre atleta x treinador, serão constantes. Leônidas será um dos protagonistas nestes embates, aproveitando o seu capital simbólico conquistado na competição de 1938 para reforçar uma “supremacia” do talento frente a preparação, alçando esse talento como algo inerente ao brasileiro, dando início ao que hoje é conhecido com o “futebol-arte”. Pensamento que é reforçado pelo sociólogo Gilberto Freyre no seu artigo “Football Mulato”. Para maior profundidade neste tema ver Souza (2008) e Mostaro (2017).

<sup>13</sup> Aqui, recomendamos a análise realizada nos significados e apropriações após a inauguração deste espaço importante no contexto nacional: Maracanã como mídia urbana: as narrativas jornalísticas, apropriações e interações no torcer no “maior do mundo” (MOSTARO, BRINATI, 2018).



mas também como um acontecimento nacional, que traria orgulho ao nosso povo. A ideia de um país novo, moderno e que estava prestes a conquistar o futuro promissor foi encontrada nos jornais A Noite e O Globo. A atmosfera encontrada na capital federal era de que a vitória na competição concretizaria todo este processo. Seria através do imaginário construído sobre o futebol que o país atingiria, com a vitória da seleção, o seu lugar nas grandes nações.

Neste viés, Flávio Costa, técnico da seleção, vai agrupar tais virtudes exigidas pela elite: disciplinador e organizador. A tecnocracia associada a esta personagem surge de maneira explícita nestes jornais. Na soma dos três jornais, encontramos 176 reportagens sobre a seleção e 47 que mencionaram Flávio Costa. Nas categorizações encontramos “técnico” em oito oportunidades, “nome de batismo” 34 vezes, “treinador” duas, “coach” uma e “selecionador” duas. Usou-se de forma mais intensa o nome de batismo do treinador, o que interpretamos ser pelo mesmo motivo já explicitado na Copa de 1938, ao enfatizar o nome de Adhemar Pimenta. “Técnico” e “treinador” mantiveram a lógica narrativa de 1938, assim como o termo “coach”. Já o “selecionador” foi encontrado pela primeira vez, contribuindo com a noção “daquele que organiza”, ao selecionar os melhores jogadores do Brasil. Apesar do sentido de disciplina estar permeado na atmosfera, não encontramos esta categorização. Inferimos que pelo “trajeto antropológico” de Flávio Costa no imaginário nacional como alguém disciplinador, que exaltava o grupo ao invés do talento individual, essa era uma associação imediata ao seu nome, resultando na maneira mais frequente com que os jornais se referiram a ele. Como membro da elite, ele foi visivelmente poupado nos jornais, mas isso não significa que seu imaginário de organizador e disciplinador que a seleção e a narrativa da elite consideravam como necessidade era compreendido por outros setores como o “correto”. A população queria o título. A última menção a Flávio encontrada no corpus é bem emblemática ao indicar a atmosfera de cobrança por um final que o mundo de a narrativa prometeu e não aconteceu: “[...] não queremos ser endeusados, mas não merecemos a pecha de criminosos” (O GLOBO, 19/07/1950, p. 10).

A narrativa sobre a Copa do Mundo que destacamos em 1938 foi repetida, auxiliando na solidificação do evento e das funções destas personagens no imaginário nacional. Tivemos os “craques”, as “explicações para a derrota” e o “comandante desta representação nacional”. O “país do futebol” também teve nas interações desta competição novos elementos que seriam resgatados pela narrativa em futuras edições. A derrota seria explicada, oito anos mais tarde, por uma emblemática expressão do dramaturgo Nelson Rodrigues: “o complexo de vira-latas”. Este termo auxilia na nossa concepção de que o ritual Copa do Mundo se torna o local de embates sobre o imaginário nacional, sendo confrontado, modificado e mantido a cada jogo narrativo.

Em 1954, A CBD investiu em um nacionalismo que recuperaria a moral “abalada” em 1950, com a pregação de uma doutrina quase que militar de “tudo ou nada” pelo time, que esteve presente nas narrativas dos jornais durante a competição. Começar “tudo do zero”, com a “pátria acima de tudo”, incluindo a camisa, foi a escolha da CBD. E “mudar tudo que tá aí” começava com a escolha do treinador. O técnico do Fluminense, Alfredo “Zezé” Moreira foi amparado pelos dirigentes e fez uma



reformulação no elenco, com jovens talentos dos times de Rio de Janeiro e São Paulo. Mais uma vez, evidencia-se a solidificação deste eixo como o resumo do país.

Foram 152 reportagens sobre a seleção e 45 menções a Zezé Moreira. Analisando a narrativa dos três jornais inferimos que salvar, reforçar e ampliar o papel da elite era fundamental nessa ressaca e desconfiança com o mito “país do futebol”. Seu representante precisava ser exaltado. Menções como “técnico” foram nove, “nome de batismo” foram 26. “Treinador”, cinco. Uma como “diretor” e quatro como “selecionador”. “Técnico” e “treinador” se consolidam como as categorizações mais usadas após o “nome de batismo”, sustentando a ideia de que o referencial imediato havia se enraizado com tais termos. “Diretor” e “selecionador” foram usadas se remetendo à autoridade que Zezé teria com os jogadores. O “nome de batismo” também reforça que, com a solidificação da função do treinador no imaginário nacional, apenas a menção ao nome de batismo do treinador já estimularia o leitor a associar a este significado.

## 5 O tricampeonato e a personificação do cargo de treinador

O título de 1958 na Suécia resultou no maior número de reportagens analisadas até então: 401, e o segundo maior de toda a pesquisa. A intensidade da conquista e as atuações consideradas sensacionais fez com que o acontecimento Copa do Mundo se inserisse de vez como um ritual nacional, agora consolidado, com um início mítico (1938), suas tragédias e provações (1950) e o grande “final” apoteótico (1958).

Essa conquista teve Vicente Feola, que foi auxiliar técnico de Flávio Costa durante a Copa do Mundo de 1950, como treinador. Feola seria, segundo os jornais pesquisados, o “homem ideal” para comandar o Brasil na sexta Copa do Mundo. Mas como alguém que era auxiliar técnico “pularia” etapas e chegaria a treinar a seleção no nosso maior ritual? A intensa interação entre campos neste período nos ajuda a compreender a modificação daquilo que seria o “perfil ideal” para ser o treinador da seleção. Na interação com o campo econômico, tivemos os primeiros passos do “modelo econômico” e “gestão” do futebol no Brasil. Sylvio Pacheco, então presidente da CBD, patinava em resultados considerados “fracos” e a narrativa era de que “[...] não se conseguira atingir o ideal de constituição de um time sólido [...]” (SARMENTO, 2013, p. 107). Os conflitos entre campos levaram um ex-nadador do Fluminense, que participou de duas olimpíadas, filho de pai suíço e que também conhecia os bastidores das federações paulistas e cariocas, à presidência da CBD (SARMENTO, 2013). Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange assumiu a presidência da CBD em 14 de janeiro de 1958 e implantou um modelo empresarial na estrutura da instituição <sup>14</sup>. A ideia de renovação era clara: “[...] a centralização da gestão esportiva sai de cena para dar lugar a um novo conjunto de gestores, com táticas e objetivos nitidamente distintos [...]” (SARMENTO, 2013, p.108). O presidente da CBD inaugura oficialmente o

---

<sup>14</sup> Para uma melhor compreensão e análise desta trajetória de João Havelange até a presidência da FIFA, ver: (BURLAMAQUI, 2021)



modelo tecnocrata na administração do futebol nacional.

Para auxiliá-lo neste processo, nomeou Paulo Machado de Carvalho, dono das rádios Panamericana e Record, além da TV Record, como chefe da delegação que iria a Suécia. Paulo definiu a comissão técnica e planejou minuciosamente as ações da seleção, desde a apresentação dos jogadores até a partida final, distribuindo funções específicas aos membros da comissão. As narrativas midiáticas destacaram que jamais o Brasil havia se planejado e se preparado tanto para uma competição. Até um psicólogo foi contratado para avaliar os jogadores e tentar identificar, sem sucesso, a causa de nosso suposto destempero emocional nas decisões. A vitória só viria com a organização gerencial, que cuidasse de todos os detalhes, inclusive o lado moral, como Sarmento (2013, p.109) destaca: “[...] encontramos embutida nesse discurso uma clara proposta civilizatória, que procurava incorporar à representação simbólica da nacionalidade um conjunto de elementos então associados à modernidade e progresso.”.

O modelo empresarial já postulava Paulo Machado como chefe, um “empresário de sucesso” que forneceria o que faltava a seleção<sup>15</sup>. Paulo escolheu Vicente Feola como treinador. O “perfil ideal” estipulado para o treinador naquela ocasião seria de alguém que aceitaria a interferência externa de uma elite que agora fazia parte da “comissão técnica” e faria a “gestão” direta do “trabalho de equipe”. Em suma, Havelange e Carvalho seriam os homens fortes, ao passo que Feola seria o coadjuvante.

Logo no primeiro dia de análise encontramos uma reportagem assinada pelo enviado especial do jornal O Globo a Suécia, Ricardo Serran, que constrói um mundo defendendo Feola, elaborando a nova compreensão do papel do treinador nesta nova conjuntura. Encontramos a tentativa de moldar o imaginário nacional sobre a descentralização do papel do treinador, diluindo-o na comissão técnica, inclusive já familiarizando as funções e nomes aos leitores:

[...] deve-se esclarecer ao público, que não é o técnico que escala sozinho a equipe, embora, de um modo geral, venha prevalecendo a sua opinião. Os outros, frise-se, na pior das hipóteses tem colocado o seu aval nas recomendações de Feola e se na vitória final ou parcial não estiver no “script”, tenham certeza os leitores de que a responsabilidade está dividida entre Feola mesmo, Carlos Nascimento, Paulo Amaral, José de Almeida e Hilton Gosling, com ligeiras sobras para o chefe Paulo Machado de Carvalho e alguns de seus colaboradores diretos. (O GLOBO, 7/06/1958, p.3).

Aqui, é nítido a percepção de que o conceito de determinada expressão vem da relação com determinada conjuntura, na qual pode-se operar uma nova compreensão (KOSELLECK, 1992). Foi visivelmente alterada a perspectiva, a forma de olhá-lo, de interpretá-lo e projetá-lo na narrativa. Ele deixa de ser o “principal”. Como define Koselleck (1992, p.138): “[...] a palavra pode permanecer a

---

<sup>15</sup> Este modelo empresarial foi inserido no imaginário dos torcedores e passou a ser uma explicação para as derrotas de algumas equipes. A seleção da Argentina, por exemplo, eliminada da competição na primeira fase, teve esta recepção: “[...] futebolistas argentinos foram recebidos com uma chuva de moedas [...]” (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/06/1958, p.11). Presente no imaginário, a mercantilização do futebol provocaria reações populares e queixas como a “falta de amor ao clube” e maior apreço ao dinheiro, que mudaria o envolvimento do atleta, ou seja, o dinheiro seria maior que o amor ao clube ou, neste caso, ao país. Reações como estas podem ser vista até hoje, indicando como este conflito é intermitente. Existe reação às narrativas impositivas desta elite e serão mais intensas nas análises das Copas a partir de 1970, quando o próprio Havelange assume a FIFA e eleva a mercantilização do esporte.



mesma (a tradução do conceito), no entanto o conteúdo por ela designado altera-se substancialmente [...]”. Todo conceito está emaranhado em contextos.

Feola teve 85 menções. O maior número do corpus até aqui e, novamente, o segundo em todo o período pesquisado. A categorização de “senhor” e “comandante” apareceram uma vez cada, indicando que, pela estrutura da CBD, o “comandar” não estava tão atrelado a Feola e sim, ao “chefe” Paulo Machado de Carvalho. “Selecionador” e “preparador” foram mais numerosas do que em edições anteriores, com nove e cinco aparições, respectivamente. “Preparador” apareceu no corpus apenas nesta competição. Julgamos que, com a “autoridade” designada a Paulo, essas categorizações expressavam melhor a posição de Feola na comissão: preparar quem joga. “Treinador” com três e “técnico” com 11 seguiram como sinônimos, apesar do conceito indicar diferentes sentidos, como vimos anteriormente. O “nome de batismo” apareceu 53 vezes e associava Feola a um gerente disciplinador que acatava ordens de seu chefe, era calmo e cortês com a imprensa. Entendemos que a expressão “gordo”, usada em duas oportunidades, não surge para depreciá-lo, até porque foram categorizações em reportagens que abordavam o treinador de forma positiva. Porém, ressaltar o aspecto físico do treinador e em algumas oportunidades destacar que ele não “parecia” habilitado para a função por conta da obesidade, indica algo que julgamos importante na reflexão sobre esse “perfil ideal”: ele também é corpóreo. Aqui foi a imagem corpórea de alguém que treinaria o jogador que “deveria dar o exemplo” de “corpo preparado para a atividade física”. Por mais tolo que seja tal pensamento sobre Feola, é algo importante para se refletir. Mais ainda sobre o corpo do jogador que, no contexto de preparação física exacerbada, reflete as aspirações dessa narrativa dentro de uma conjuntura. Com o avanço desta preparação, será cada vez mais visível a virtude física do atleta de futebol, indicando o corpo e suas potencialidades, e principalmente a sua imagem, como uma ferramenta decisiva para o “perfil ideal” do esportista esportivo.

Se Feola teve, proporcionalmente, pouco destaque na narrativa dos jornais em 1958, as menções a Aimoré Moreira indicaram a menor proporção do nosso corpus. Em 1930, por exemplo, tivemos 20 % das notícias sobre a seleção mencionando o treinador da seleção, 19 % em 1934, 27 % em 1938, 26 % em 1950, 29 % em 1954, 20% em 1958 e 13 % em 1962. Aimoré perdeu para a comissão técnica, que foi mais presente no mundo criado pelos jornais do que ele. A ideia de que o treinador não deveria atrapalhar o talento foi clara nos jornais pesquisados. Das 377 reportagens sobre a seleção, 51 mencionaram Aimoré. Nos três jornais a categorização não expandiu para demais adjetivos, o que para nós, ocorreu por conta da diminuição da importância deste personagem. “Técnico” (16), “treinador” (2) e “nome de batismo” (33) eram usados como “formalidades” ao ter que se mencionar essa personagem.

O processo de exaltação dos jogadores atinge nesta confirmação do “país do futebol” o seu ápice. Em 1962 o enfoque será muito maior no talento do jogador, diminuindo a narrativa sobre organização e tática que vimos em 1958, sustentando o declínio da importância do treinador no mundo criado pelos jornais, que voltaria a crescer e superar as médias anteriores com Zagallo em 1970, como



veremos mais adiante. A seguir, veremos como foi a volta do campeão Feola, “símbolo do técnico brasileiro” ao comando da seleção em uma Copa do Mundo.

Na busca pelo terceiro título seguido, Feola retornou como treinador da seleção. Ele apareceu em 42 das 217 reportagens sobre a seleção, chegando a 19 por cento. Relativamente se falou mais de Feola em 1966 do que de Aimoré em 1962, porém, a título de curiosidade, foi o maior número de notícias negativas até aqui: 14 (três na Folha, cinco no O Globo e seis no Jornal do Brasil). Com a derrota, Feola, que no título em 1958 obteve o maior número de notícias positivas até então e que não teve menções negativas, se tornou, em oito anos, “ultrapassado” para o futebol “moderno”.

Encontramos apenas duas categorizações nesta competição, menor número de toda a pesquisa: “técnico” (6) e “nome de batismo” (36). Por ser a segunda vez no cargo em uma Copa do Mundo e ter sido o mais citado até aqui no corpus (no título em 1958), inferimos que a referência no imaginário do leitor sobre Feola já direcionava imediatamente para a sua função neste cenário. Em resumo, para a narrativa dos jornais pesquisados a causa de nosso “fracasso” seria o treinador não ter “entendido” as mudanças do futebol mundial, ter preparado mal os jogadores, não definindo o time titular, o que contribui para que eles estivessem confusos em campo. Feola atrapalhou o “nosso talento” e, por isso, interpretamos que os três jornais o abordaram de forma negativa.

Aqui, a proposição de Stephen Wagg (2006) sobre o papel dos treinadores no mundo atual fica clara. Na busca por resultados, o treinador de futebol seria o culpado imediato pela derrota, deixando a estrutura acima dele intacta. A linha narrativa indicou que a concepção dos chefes estava certa, a execução é que foi feita errada pelo treinador. Faltou a Feola entender a modernidade do futebol.

Em 1970, essa ideia de modernidade permeou a preparação da seleção para a Copa de 1970. A presença da televisão, transmitindo as partidas ao vivo para o Brasil pela primeira vez, intensificou a efusividade deste ritual, consolidando a ideia de “pátria de chuteiras”. Foi o maior número de notícias do corpus: 620, sendo que 207 que falavam de Zagallo, o que caracterizou 33 por cento do total das matérias sobre a seleção. Também foi o maior percentual.

Consolidam-se também as categorizações: três com o termo “treinador”. “Técnico” dez vezes e o “nome de batismo” foi usado 194 vezes. Os termos se consolidam, porém, seus conceitos também foram modificados. O técnico de 1970 e o que é escolhido pelos jornais no imaginário para associar a esta expressão é diferente. O técnico aqui indica as transformações que o esporte sofreria na década de 1970. Ao invés de “não atrapalhar”, suas ações serão associadas diretamente ao sucesso do time, com uma ênfase maior do que a que vimos nas demais competições. Encontramos também uma “pedagogia” nos jornais de indicar no seu mundo que era importante mostrar aos atletas o que é certo e discipliná-los ao método de treinamento baseado na preparação física. A presença desta elite foi metaforizada na preparação amplamente abordada de forma positiva no mundo dos jornais. Não só o talento garantiria sua participação no time, mas a parte física consolida-se como também importante.

Esta matéria de Dácio de Almeida, com o título: “A certeza do título está na seriedade do trabalho” resume a exaltação ao trabalho científico dos preparadores físicos:



[...] sem medo de errar, nenhuma Seleção Brasileira teve tal condição física em toda sua história. [...] Nas partidas pela Copa, foi graças à condição física que vencemos pelo menos dois adversários: os ingleses e os uruguaios – os mais difíceis. O Brasil entra em campo hoje certo de que cumpriu seu dever para chegar a esta posição: confiante e humilde, sério e aplicado, disciplinador e agressivo, impondo seu jogo e sua técnica (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p. 34).

Zagallo, o jogador “eficiente” em meio aos “geniais”, como encontramos nos jornais em 1958, seria a figura que “pensaria” o jogo, calcularia os atalhos para a vitória, dentro de eficiência tecnocrática apontada por Postman (1994). O “perfil” de Zagallo passa a ser o ideal para alguém que pretendia “ser treinador”, jogando outros “modelos” ao “status” de ultrapassados na narrativa construída pelos jornais. Toda a complexidade do jogo passa a ser resumida na ideia de tecnocracia tendo o treinador como seu grande símbolo. O conceito que se inicia em 1970 vai encontrar na associação com o campo econômico uma estrada tranquila e pavimentada para acelerar suas interações nas próximas edições da competição.

Interessante perceber que todas as menções no O Globo usaram o nome Zagallo. Este é um dado importante para compreendermos como seu nome já estava inserido no imaginário nacional, por conta de sua atuação como jogador nas duas conquistas anteriores. As personagens associadas a este trabalho de preparação igualmente ganharam um simbolismo mais protuberante nas narrativas, capacitando-as, segundo as regras da elite cultural do esporte, como treinadores da seleção. Analisando esse percurso narrativo, podemos compreender os motivos de Parreira e Coutinho serem técnicos da seleção em Copas futuras. Coutinho em 1978 (em 1974, como coordenador técnico) e Parreira em 1994, 2006 (em 2014 como auxiliar técnico).

## 6 Considerações Finais

Em 1930 não tivemos a categorização de “técnico” ou “treinador”, apenas “doutor”, “delegado”, “diretor” e “nome de batismo”. O que interpretamos como um conceito ainda vago sobre as funções desta personagem que tinha nos conflitos emergentes sobre profissionalização e amadorismo tal “indecisão”. Sob a influência europeia de exaltação da parte física e importância a essa personagem e uma tecnocracia emergente com a figura de Chapman, a categorização “treinador”, “técnico” e “nome de batismo” foram as encontradas em 1934. Em 1938 as categorizações já são mais nítidas em designar sua posição de disciplinar: “senhor”, “técnico”, “comandante”, “treinador” e “nome de batismo”. Ele dividirá as atenções com os jogadores e o conceito se modifica, confirmando a interpretação de Koselleck. Fato que foi seguido em 1950 (técnico, nome de batismo, treinador, coach e selecionador) e em 1954 (técnico, diretor, nome de batismo, treinador e selecionador). Em 1958, com o reajuste da narrativa notamos o período do corpus com a maior diversidade de categorizações. O talento embaralhou a repetição constante dos termos nos jornais que, apesar de repetir algumas categorizações (senhor, técnico, comandante, nome de batismo, treinador, selecionador) não indicava,



no contexto analisado, os mesmos sentidos de disciplina vistos anteriormente. Além de incluir as categorizações “gordo” e “preparador”, que serviram, na nossa interpretação, como uma explicação para o diferente papel que Feola teve na conquista. Enfim, em 1970, Zagallo personaliza a modificação do conceito que já mencionamos, o que levou a encontrarmos três categorizações: “técnico”, “treinador” e “nome de batismo”. As três traçavam um sentido bastante similar, fixando a referência tecnocrática deste conceito.

Ao usarmos o método de classificação de Sacks (1974) acreditamos que as expressões e palavras usadas visam claramente estipular sentidos. Sacks (1974) acredita que cada personagem envolvida em determinado contexto seria um membro que possuiria um atributo discursivo para identificá-lo neste contexto. Dentro dessa atribuição se esperaria determinado comportamento. É notório perceber que a maioria delas se remete a expressões que a “atitude natural” que o predicado exige é de autoridade. Observar tais categorizações usadas pelos jornais em cada contexto confirmou a hipótese de pertencimento à elite, compreendendo a noção de pertencimento como um poderoso elemento de socialização, de fazer parte, de pertencer. Aqui o pertencimento a esta elite funciona como o disciplinador que manterá a ordem social designada por ela. Tais expressões indicam também funções sociais destes predicados tutelados por essa elite, como doutor, delegado, senhor e comandante, para mencionarmos os exemplos mais explícitos. Acreditamos que tais metáforas, assim como as narrativas, não são ingênuas. As expressões “técnico” e “treinador” são as que mantêm a relação imediata com o imaginário do campo esportivo. Tal categorização foi ganhando o conceito que se aproxima desta autoridade e de um saber técnico “essencial” no mundo dos jornais para “organizar a vitória dentro de campo”.

Assim, a posição social do treinador em cada contexto do período analisado é fruto de inúmeros eventos passados, do processo narrativo que construiu um fio narrativo, que os colocou em interação com determinado campo, que projetaram o mundo ao qual o treinador estava inserido e interagiu, que foi alterado, mas sob algumas condições. As condições estão totalmente relacionadas ao contexto, à posição do campo esportivo em relação ao campo de poder, do capital simbólico e “tipo ideal” desta elite construído neste jogo de narrativas.

Como um mito socialmente construído, nesses 40 anos o conceito de técnico percorreu caminhos que se ajustaram a determinadas conjunturas, mas sempre fazendo o papel da elite neste jogo narrativo, confirmando a nossa hipótese. Por mais que as menções e citações a esta personagem oscilassem entre 33 % (1970) e 13% (1962) na “realidade social” emoldurada no “mundo dos jornais” o papel do treinador na interação do campo esportivo com outros campos foi indicar a “atitude natural” pretendido pela elite, indicando também a posição desta elite na disputa de imaginários sobre a Copa do Mundo.



## Referências

*A Noite*, Rio de Janeiro, 13 jul – 30 jul, 1930.

\_\_\_\_\_, 24 mai – 30 mai, 1934.

\_\_\_\_\_, 05 jun – 12 jul, 1938.

\_\_\_\_\_, 24 jun – 23 jul, 1950.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Editora Companhia das Letras, 2008.

BRAGA, Adriana e GASTALDO, Édison. Pertencimento como categoria analítica: etnometodologia para os estudos de comunicação. In: XXVII Encontro Anual da Compós, 2018, Belo Horizonte. **Anais da XXVII Compós**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2018. v. 1. p. 1-17.

CARTER, Neil. **The football manager**: A history. Routledge, 2006.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. Os gramados do catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In: SANTOS, Ricardo Pinto e DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Memória Social dos esportes**. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Universidade Federal de Sergipe, 2005.

*Folha da Manhã*, São Paulo, 13 jul – 30 jul, 1930.

\_\_\_\_\_, 24 mai – 30 mai, 1934.

\_\_\_\_\_, 05 jun – 12 jul, 1938.

\_\_\_\_\_, 24 jun – 23 jul, 1950.

\_\_\_\_\_, 15 jun – 04 jul, 1954.

\_\_\_\_\_, 07 jun – 04 jul, 1958.

*Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 mai – 19 jun, 1962.

\_\_\_\_\_, 12 jul – 26 jul, 1966.

\_\_\_\_\_, 03 jun – 25 jun, 1970.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. Annablume, 2002.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) **História do Esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Editora Da Universidade Federal Fluminense, 1998.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 jun – 04 jul, 1954.



\_\_\_\_\_, 07 jun – 04 jul, 1958.

\_\_\_\_\_, 30 mai – 19 jun, 1962.

\_\_\_\_\_, 12 jul – 26 jul, 1966.

\_\_\_\_\_, 03 jun – 25 jun, 1970.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945/1084>>. Acesso em: 23 Jan. 2017.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Imprensa e o futebol-arte**: as narrativas da “nossa essência futebolística”. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

[MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro](#); BRINATI, Francisco Angelo. Maracanã como mídia urbana: as narrativas jornalísticas, apropriações e interações no torcer no “maior do mundo”. **RUA (UNICAMP)**, v. 24, p. 211-236, 2018.

MOSTARO, Filipe e HELAL, Ronaldo. *Foot-ball Mulato* e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938. **ALCEU (ONLINE)**, v. 19, p. 16-35, 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jul – 30 jul, 1930.

\_\_\_\_\_, 24 mai – 30 mai, 1934.

\_\_\_\_\_, 05 jun – 12 jul, 1938.

\_\_\_\_\_, 24 jun – 23 jul, 1950.

\_\_\_\_\_, 15 jun – 04 jul, 1954.

\_\_\_\_\_, 07 jun – 04 jul, 1958.

\_\_\_\_\_, 30 mai – 19 jun, 1962.

\_\_\_\_\_, 12 jul – 26 jul, 1966.

\_\_\_\_\_, 03 jun – 25 jun, 1970.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio**: a rendição da Cultura à tecnologia. Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2000.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SACKS, Harvey. “On the Analizability of Stories by Children”. In: TURNER, Roy (ed.). **Ethnomethodology**: selected readings. Harmondsworth: Penguin, 1974.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho**: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo!** Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Anablume, 2008.



WAGG, Stephen **The football world**: a contemporary social history. Harvester Press, 1984.  
\_\_\_\_\_. "Anjos de todos nós?": os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade. **Anál. Social**, Lisboa, n. 179, 2006. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732006000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732006000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 12 abr. 2015.

*Recebido em: 11/08/2022*

*Aceito em: 05/11/2022*